

«Em toda a parte, ainda nos mais abandonados recantos da provincia, ha sempre, onde existe um monumento, um homem pelo menos que o ama, que o estuda, que o comprehende. É a collaboração preciosa d'esses pobres poetas obscuros, d'esses modestos archeologos, ignorados da critica e do público que aos organizadores das commisões [archeologicas] locaes compete acolher e utilizar».

RAMALHO ORTIGÃO, *O culto da arte em Portugal*,
1896, pag. 161.

Penedo com insculpturas, nos arredores de Vianna do Castello¹

Em Outubro de 1893, numa das minhas excursões paleoethnologicas pelos planaltos da Serra de Santa Luzia, encontrei no flanco oeste de uma ravina, nas trazeiras da capella que dá o nome á montanha, um interessante espécime d'esses mysteriosos rochedos gravados que se acham esparsos pela Europa a attestarem uma civilização ida.

É um grande rochedo de granito, apresentando uma superficie trapezoidal de 4^m,5 de comprimento e de 2^m,6 na sua maior altura. Nella se acham abertas sessenta e duas cavidades (Vide gravura). Estas cavidades, umas ellipticas outras circulares, dispõem-se em sete linhas que se dirigem para a base, compondo-se cada uma de certo numero d'essas cavidades, ligadas e em communicação entre si. No meio da pedra apresenta-se um grupo de cinco pequenas cupulas independentes, que formam um trapezio, bem como no alto da 5.^a e 6.^a linhas outro grupo, que determinam um triangulo; na sua extremidade esquerda mostra-se um curioso agrupamento de tres cavidades conjugadas, que tomam uma direcção perpendicular ao alinhamento geral.

¹ [Tendo eu pedido ao meu amigo Fonseca Cardoso uma informação á cêrca do penedo insculpturado do castro de Santa Luzia para as minhas *Religiões da Lusitania*, elle mandou-me este artigo, que, por ser interessante e estar feito com algum desenvolvimento, aqui publico por inteiro. Nas *Religiões*, I, 380, incluí apenas um breve extracto, que bastava para o meu fim. Nesse livro acharão os leitores, alem de bastantes elementos bibliographicos, noticias de muitos outros penedos analogos que ha pelo país e lá fóra.—J. L. DE V.]

Como a superfície do rochedo — voltada para o oriente — apresenta um declive de 23° , qualquer liquido, espalhado no alto, correrá pelas feiras das cavidades, enchendo-as até deslizar pela outra face do penedo numa altura de $0^m,90$. Note-se ainda: no arranjo da 5.^a e 6.^a linhas, uma disposição em Y com a abertura para a base e canellura que parece isolar ou tornar em evidencia as tres cavidades conjugadas da esquerda do megalitho. Entre ellas, algumas acham-se um pouco apagadas pela acção dos agentes atmosfericos; a sua profundidade varia de $0^m,06$ a $0^m,15$ e os diametros de $0^m,10$ a $0^m,23$.



Quando eu encontrei este interessante rochedo achavam-se as cavidades, na sua maior parte, cobertas de musgo, tendo de as limpar com a unha do meu martello de aço.

Claro é que estas cavidades foram cavadas pela mão de homem; em que epocha e com que fim?

Sabe-se que as cupulas ou cavidades que marcam certos dolmens bretões e entre nós, por exemplo, a anta de Paço da Vinha, e a do Paço da Cham, no Valle d'Ancora (explorações de Martins Sarmiento), datam do periodo neolithico, mas o seu uso manteve-se até aos tempos proto-historicos. Assim este megalitho que acabo de descrever fica situado junto das ruinas das muralhas da Cividade de Santa Luzia; eu mesmo desenterrei junto d'elle um fragmento de louça caracteristica d'aquellas estações pre-romanas. Numa das excavações que eu e Ricardo Severo fizemos na Cividade de Bagunte. (Villa do Conde) desentranhámos, de

mistura com telhas de rebordo e restos ceramicos, uma pedra rectangular de grês micaceo coberta de cupulas.

O fim d'estes monumentos era religioso. Ainda hoje o povo venera esses penedos, attribuindo-lhes virtudes. No departamento de Ain (França) as raparigas e as viúvas ainda ha pouco tempo se entregavam a certas práticas, num penedo de sessenta cavidades, com o fim de obterem esposo¹.

Na comarca de Moimenta da Beira, numa romaria, feita a uma Senhora da Lapa, que se venera na anfractuosidade de um grande rochedo, cada pessoa, ao dar as voltas em tórno da imagem, toma um seixo e com elle esfrega umas cavidades que existem na extremidade do penedo, para se livrarem das maleitas, conforme me narrou um meu amigo.

Contou-me tambem que não longe d'aquelle sitio, numa pedra chamada *escorregadouro*, os rapazes e as raparigas dos lugares proximos se entretem a escorregar pelo penedo, a fim de saberem com quem hão-de casar. Este facto tem relação com o que se pratica nos Pyri-neus, na montanha d'Espiaux, onde as raparigas e os rapazes vão estreitar solemnemente as suas relações amorosas, junto do megalitho chamado *Calhau d'Arriba Pardin*².

Emfim, nas margens do Ganges, as mulheres indianas vão regar com agua d'esse rio os signaes gravados nas pedras das montanhas de Pendjab, com o fim de poderem ser mães³.

Estes usos tradicionaes, mantendo-se no povo através do tempo, e a despeito das repressões dos sacerdotes catholicos, indicam que as cavidades se prestavam a um culto, quer gravadas nos monumentos funerarios neolithicos, quer nos penedos das montanhas. Mas debalde tenta o paleoethnologo decifrar a significação d'esses signaes.

O rochedo insculpturado de Santa Luzia, que acabo de descrever, tão interessante na solidão mystica da ravina aonde assenta, arrisca-se a, mais dia menos dia, ser dilacerado por um tiro de dynamite. E é mais um monumento prehistorico que se perde, como tantos outros, neste desbarato das nossas antiguidades nacionaes!

FONSECA CARDOSO.

¹ Cartailhac, *La France préhistorique*, pag. 247.

² Julien Sacaze, *Les pierres à écuelles et à cupules*, in *Compte-rendu du Congrès d'anthropologie e d'archéologie prehistoriques de 1889*, pag. 617—Cartailhac, *La France préhistorique*, pag. 248.

³ Cartailhac, *idem*, pag. 247.